

# A casa que levamos em nós: reflexões memorialísticas sobre o romance *Minha casa é onde estou* de Igiaba Scego

The house we take in us: memorial reflections on the romance *Minha casa é onde estou* by Igiaba Scego

Silvana Maria Pantoja dos Santos  
UEMA; UESPI  
Milayne Christina Barros do Nascimento  
UESPI

## Resumo

O presente trabalho pretende analisar a relação entre memória individual e coletiva no romance *Minha casa é onde estou* (*La mia casa è dove sono*) de Igiaba Scego. A obra retrata, em oito capítulos, os primeiros vinte anos da vida da narradora. Seis dos capítulos têm nomes de lugares de Roma ligados às suas memórias e que marcam sua relação com a referida cidade, ao mesmo tempo em que misturam as memórias sobre o exílio dos pais na Itália e sobre a própria Somália, terra-mãe da sua família. Igiaba Scego escreve para meios de comunicação na Itália e é ativista dos Direitos Humanos, tendo destaque seu envolvimento em questões referentes à causa das pessoas refugiadas. O propósito desse trabalho é também falar sobre essa autora e a respeito de sua obra que oferece importantes contribuições para se pensar os processos memorialísticos de pessoas que passam por vivências marcadas pela ruptura e pela busca de seu lugar no mundo. Para tanto, as principais referências utilizadas para esse trabalho são: Halbwachs (2006) e Hall (2003).

Palavras-Chave: Memória; Identidade; Igiaba Scego

## Abstract

This paper's aim analyze the relationship between individual and collective memory on the novel "*My Home is where I am*" (*La mia casa è dove sono*) by Igiaba Scego. The work portrays, in eight chapters, the first twenty years of the narrator's life. Six of them, named after a Rome spot, linked to memories which placed a landmark on her relationship with the city, while mixing memories about their parents' exile in Italy and about Somalia itself, the motherland of their family. Igiaba Scego writes for the media in Italy and is a human rights activist, highlighting his involvement and issues related to the cause of refugees. The purpose of this paper is also to talk about the author and her work, which offers important contributions to think about the memorialistic processes of people who go through experiences marked by rupture and the search for their place in the world. For that, the main references used for this work are: Halbwachs (2006) and Hall (2003).

Keywords: Memory. Identity. Igiaba Scego

## Quem é Igiaba Scego?

À Somália  
Onde quer que  
ela  
esteja<sup>1</sup>

Em 2018, a escritora italiana Igiaba Scego foi uma das autoras convidadas da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), da qual participou junto com o poeta suíço Fábio Pusterla na mesa de discussão intitulada “Minha Casa”, com mediação de Noemi Jaffe. Formada em Literatura Estrangeira pela Universidade La Sapienza, Igiaba Scego escreve regularmente para jornais como *La Repubblica*, *Il Manifesto*, *L’Únita* e *Internazionale* e colabora com algumas revistas como *El Ghibli*, *Migra* e *Latinoamerica*.

Além da dedicação às atividades literárias e jornalísticas, Igiaba Scego desempenha papel importante como ativista dos Direitos Humanos, tendo destaque seu envolvimento com as questões das pessoas refugiadas na Europa, principalmente na Itália. Sobre o envolvimento político da escritora, Márcia Almeida assevera: “Igiaba Scego pode ser tomada como exemplo, na atualidade, de uma ativista atenta às diferenças religiosas e culturais, contra o racismo, contra homofobia e tantas outras formas de segregação”<sup>2</sup>.

Tanto os textos voltados para jornalismo, quanto as suas obras literárias abordam temáticas que estabelecem relação com a sua história familiar e sua formação identitária. Outras abordagens são cruciais, como a questão pós-colonial na Itália e suas estratégias de esquecimento do período fascista, as relações humanas em situações de fragilidade social, os sentimentos de pertença e de envolvimento com o lugar (tanto em sentidos mais simbólicos quanto geográficos) e também as questões de gênero.

*Rboda* (seu primeiro romance, de 2004), *Para além da Babilônia* (2008), *Roma Negata* (publicado em 2014, um trabalho em parceria com o fotógrafo Rino Bianchi), *Minha Casa é onde estou* (2010) e *Adua* (2015) são livros de Igiaba Scego que discutem essas questões e oferecem a possibilidade de ampliação do campo de conhecimento e problematização da Literatura, bem como permitem ao leitor se envolver com outros modos de narrar e perceber o percurso biográfico e literário da escritora.

O romance *Minha Casa é onde estou* (2018) oferece importantes contribuições para pensar a relação diaspórica e tencionar discussões sobre os processos memorialísticos que

---

1 SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*, 2018, p.4.

2 ALMEIDA, Márcia. “A escritura como espaço de resistência e poder: Autoras com origens em ex-colônias italianas na África”. *Anais do XI Seminário Internacional Fazendo gênero: 13th Women’s Worlds*, 2018, p. 11.

perpassam vivências marcadas pela ruptura e pela busca do sujeito por seu lugar no mundo.

Igiaba Scego nasceu na cidade de Roma em 1974 e como a autora diz: “Roma é a minha cidade. Eu nasci na ‘Cidade Eterna’”<sup>3</sup>. Seus pais, originários da Somália, fugiram do regime militar de Siad Barre e escolheram Roma como destino na tentativa de recomeçar a vida.

Diferentemente da experiência de outras pessoas de sua família, o nascimento de Scego aconteceu em um hospital, longe dos rituais familiares com os quais sua mãe nasceu, cresceu e deu à luz aos outros filhos. A narradora relata que “do trabalho de parto em terra estrangeira, mamãe só se lembra da frieza dos enfermeiros, da solidão e da falta de experiência de quem a atendeu”<sup>4</sup>. Sozinha em Roma e distante do conforto que o sentimento de comunidade traz, a mãe de Scego teve que remapear a própria vida para continuar seguindo: “Sim, remapear. Não reconstruir, não renovar, mas sim remapear. Traçar nova geografia”<sup>5</sup>.

É através de um exercício de remapeamento das memórias de Scego e sua leitura sobre acontecimentos tanto familiares, como históricos e políticos, que o romance *Minha casa é onde estou* se desenvolve. A geografia à qual o leitor é apresentado materializa a vivência de Scego em Roma como mulher negra, cidadã italiana de família de origem estrangeira (que viveu uma migração forçada) e a relação de sua história de vida com o lugar em que nasceu e cresceu. Para Almeida, “Igiaba Scego também se apropria, de forma criativa, da geografia, dos espaços e do mapeamento para denunciar aos leitores o esquecimento do passado colonial que une a Itália às suas ex-colônias na África”<sup>6</sup>.

O trânsito entre Itália e Somália, entre Mogadíscio e Roma, o processo influenciado por essa encruzilhada e as memórias dessa relação que Igiaba Scego traz consigo estão presentes no livro *Minha casa é onde estou*. A epígrafe que abre este artigo revela que o leitor está prestes a encontrar memórias que não são apenas registros de algo que passou, mas que se transformaram em histórias que precisam ser contadas sobre deslocamento.

Sendo assim, o presente trabalho pretende analisar as categorias de memória individual e coletiva na obra *Minha casa é onde estou* de Igiaba Scego. Dessa forma, será dada ênfase na experiência da narradora e seu relato singular para refletir sobre a memória a partir de territórios literários forjados nas experiências de trânsito e diáspora.

---

3 SCEGO, Igiaba. *Caminbando contra o vento*, 2018b, p. 21.

4 Idem. *Minha casa é onde estou*, 2018, p. 56.

5 Ibidem, p. 58.

6 ALMEIDA, Márcia. “Igiaba Scego: escritora africana/italiana pós-colonial”. Anais do VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura, 2016, p. 25.

## Rememoração em *minha casa é onde estou*

*“Tentei contar aqui, em pedaços, a minha história. Os meus percursos. Pedaços porque a memória é seletiva. Pedaços porque a memória é como um espelho despedaçado. Não podemos (nem devemos) colá-los. Não precisamos ser a cópia passada a limpo, arrumadinhos, limpos de qualquer imperfeição. A memória é um rabisco”.*<sup>7</sup>

A obra relata episódios da infância e da juventude da narradora, além da experiência de vida contextualizada com a história e a política da Itália e da Somália. *Minha casa é onde estou* contempla uma característica que Phellipe Lejeune atribui à autobiografia: “o assunto deve ser principalmente vida individual, a gênese da personalidade, mas a crônica social ou política podem também ocupar um certo espaço”<sup>8</sup>, ainda segundo o autor, “a autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo de ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística”<sup>9</sup>.

*Minha casa é onde estou* é constituído de oito capítulos, seis deles têm nomes de lugares e monumentos em Roma ligados às memórias da narradora e que marcam sua relação com a sua cidade natal e com as lembranças da família, como o exílio dos pais na Itália. O livro, narrado em primeira pessoa, traz a perspectiva particular da narradora sobre sujeitos, lugares e episódios familiares, políticos, históricos. Está carregado de experiência coletiva que sustentou o processo narrativo.

Os capítulos trazem relação com lugares de Roma: Teatro Sistina (sobre o pai da narradora, Alí Omar Scego), Praça Santa Maria Sobre Minerva (narra a história da mãe, Khadija), Estela de Axum (apresenta o avô, Omar Scego e o tio Osman), Estação Termini (apresenta o irmão Mohamed e o dilema dos refugiados e imigrantes), Trastevere (expõe a situação financeira difícil, destaque para o relacionamento com a mãe) e Estádio Olímpico (aprofunda os relatos sobre a juventude da narradora, o problema com a bulimia, a viagem da mãe para a Somália e o retorno dela para casa).

Para refletir sobre a relação entre memória individual e coletiva, damos ênfase em três capítulos: “O desenho, ou seja, a terra que não existe”, “Teatro Sistina” e “Estela de Axum”. A escolha por esse recorte se justifica, porque os capítulos dialogam com a história da Somália e Itália e valorizam as memórias do grupo familiar da narradora.

---

7 SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*, 2018, p.155, negritos nossos.

8 LEJEUNE, Phellipe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*, 2008, p. 15.

9 *Ibidem*, p. 121.

O romance começa com a narradora, seu irmão Abdul, seu primo O. e seu sobrinho Mohamed, na casa de Abdul na Inglaterra conversando após uma deliciosa refeição, quando a narradora dispara uma pergunta: “Como se chama o cemitério onde a vovó Auralla está enterrada?”<sup>10</sup>. Após a surpresa com o repentino questionamento, os dois homens começam uma discussão acalorada sobre o paradeiro último do corpo da avó.

Esse debate familiar se transforma na confecção de um mapa da cidade de Mogadíscio, começando pela Avenida *Maka al Mukarama*, “artéria pulsante, coluna vertebral” de Mogadíscio, como descreve a narradora. O pequeno grupo, através de papel e lápis de cor, redesenha lembranças da terra natal da família (onde Abdul e o primo O. nasceram e Igiaba viveu uma temporada). Naquele dia, eles eram uma família se esforçando em torno da reconstrução das memórias do lugar de origem. Sobre aquele desenho, diz a narradora:

Desenhávamos *Maka al Mukarama* porque as nossas lembranças estavam esmaecendo. Nossa cidade havia morrido após a guerra civil; os monumentos destruídos, as ruas dilaceradas, as consciências encardidas. Precisávamos daquele desenho, daquela cidade de papel para sobreviver<sup>11</sup>.

Catalogando escolas, cinemas, restaurantes, hospitais, cárceres de Mogadíscio, abandonados às reminiscências sobre a Somália, os primos continuaram investindo na tarefa de colocar no papel as recordações, o luto da cidade que já não existe mais e a saudade. A narradora lamenta pelos “exilados da terra mãe” e ressignifica lembranças da terra distante que agora está sendo devorada pela guerra civil:

Eu fiquei com restaurantes e os hospitais. *Mal me lembrava dos restaurantes, mas forçava minha memória para não ter que pedir informações a Abdul a cada dois segundos*, nem ao primo ou mesmo à Nura e à mamãe que estavam noutro cômodo. Claro, eu tinha mais conhecimento sobre Roma [...]. *Mas aquele mapa havia parte das minhas raízes*. Eu tinha que me esforçar para lembrar aquelas ruas, vistas com os olhos de criança<sup>12</sup>.

O processo de rememoração familiar vai ao encontro da ideia defendida por Maurice Halbwachs de que “a sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos”<sup>13</sup>. A escolha por ter começado o livro destacando a sua relação com a terra da família e não com Roma primordialmente, a tarefa afetiva de elaboração do mapa e os diálogos e relatos dessa

---

10 SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*, 2018, p. 16.

11 Ibidem, p. 19.

12 Ibidem, p. 24, grifos nossos.

13 HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, 2006, p. 69.

parte do livro estão marcados pela vivência coletiva da narradora, destacada pelo grupo social família.

O entendimento de memória, portanto, com o qual o presente artigo trabalha é o que propõe Halbwachs. Segundo o autor, “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós”<sup>14</sup>.

*Minha casa é onde estou* segue essa lógica ao trazer histórias que são lembranças da narradora, mas também de outros familiares: episódios, experiências que eles contaram ou vivenciaram; sendo assim, a casa (a família, a terra-mãe ancestral) da presente está entranhada, já que “não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós quantidade de pessoas que não se confundem”<sup>15</sup>.

Se o livro começa com a confecção do mapa de Mogadíscio no capítulo intitulado “O desenho, ou seja, a terra que não existe”, ele recomeça com o mapa de Roma, mas da Roma da narradora. O mapa, no qual a protagonista se situa, resume uma “sequencia de impressões” que só ela conhece. Corroborando com o pensamento de Halbwachs a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, sendo o reaparecimento de lembranças sempre relacionado a um grupo. O que é relatado no texto faz parte de um conjunto de memórias (individual e coletiva) que se entrecruzam com as vivências de outros membros da família, sendo importante ressaltar que “os indivíduos se lembram enquanto integrantes do grupo”<sup>16</sup>.

A organização do romance e o destaque à relação com lugares que, não só abrigam, mas materializam as memórias da narradora, também lembram o conceito de Pierre Nora sobre memória:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível a longas latências e de repentinas revitalizações [...] Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. [...] A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem: que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto<sup>17</sup>.

---

14 Ibidem, p. 30.

15 Ibidem, p. 30.

16 Ibidem, p. 69.

17 NORA, Pierre. “Entre história e memória: a problemática dos lugares”. *Revista Projeto História*, 1993, p. 9.

Dessa maneira, as recordações familiares, coletivas se apresentam como suporte para que as memórias da protagonista criem força e contornos próprios que trazem à tona o que ela decide (e pode) contar sobre os seus primeiros vinte anos de vida. O diálogo com essas lembranças possibilita a apresentação dos seus estados afetivos, singulares. As histórias contadas formam um mapa afetivo que encaminha a leitura para diversos momentos da vida da narradora e sua família na Itália e na Somália.

Depois de mapear Mogadíscio com o primo e o irmão, a narradora reflete, durante um tempo, sobre uma colocação que a sua mãe fez naquele dia. Para a mãe, iniciar o trajeto não era suficiente para tornar aquela terra dela, era preciso terminá-lo. Então, tempos depois, entendeu o desafio da mãe e finalizou a tarefa: foi a uma papelaria, comprou *post-it*, escreveu nos pequenos papéis nomes de bairros, praças e monumentos de Roma e depois colando os *post-it* e em cima do mapa de Mogadíscio, começou a fazer o mapa da sua Roma. Assim, em *Minha casa é onde estou* há uma relação muito forte da protagonista com pessoas e lugares, como uma necessidade de compreender a si e aos seus.

O capítulo chamado “Teatro Sistina” narra a história do pai, Alí Omar Scego, da cidade em que ele nasceu (Brava), descreve, ainda, os estudos e a carreira política que lhe trouxe e, dentre outras coisas, o exílio. O Teatro Sistina é o ponto de partida dessa narração. Foi nesse lugar que o pai da protagonista decidiu que se um dia vivesse tempos difíceis iria a Roma para recomeçar. Mas, “a primeira vez que Alí Omar Scego, o papai, veio para Roma, foi para frequentar a escola política, a mesma frequentada por todos os integrantes da liderança política somali, entre eles Siad Barre (que uns vinte anos depois viria a se tornar o grande ditador da Somália)”<sup>18</sup>.

A narradora justifica que a escolha dos pais por Roma decorreu de um show de *Nat King Cole* realizado naquele lugar e do impacto emocional que o pai sentira durante a apresentação. Nesse capítulo, as histórias sobre o pai e sua história de vida se misturam com as memórias que a narradora tem dele e com os momentos históricos que atravessaram a biografia de Alí Omar Scego e da família. A narradora relembra:

Papai é um grande caminhador. E logo me iniciou nesse seu passatempo sadio e econômico. “Roma é a melhor cidade para se caminhar, dizia-me, “se você se perde por aqui, sempre encontra o caminho”. Eu tinha quatro, cinco anos. Lembro que íamos da nossa pensão na Balduina até o mercado na rua Doria, e, se ainda estivéssemos forças para isso, íamos além, até os muros do Vaticano. Lembro-me de que eu conhecia cada canto da rua Ugo [...] Naqueles passeios, pela primeira vez, fiquei ciente do nosso passado mítico [...] O contraste entre o que me contavam, um passado exuberante, de riqueza e vida mundana, e o meu presente daquela época era realmente grande<sup>19</sup>.

---

18 SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*, 2018, p. 39.

19 Ibidem, p. 46.

Esse capítulo traz mais da história da Somália e do envolvimento político de seu pai no processo de luta contra o colonialismo e busca pela democracia para seu país. A narradora recorre às lembranças dos outros, apropriando-se delas como se suas fossem, para contar a história de seu pai e da Somália. Ela pode não ter vivido, visto aquela Somália dos tempos de bonanças, mas ao entrar em contato com as lembranças através dos outros, constrói para si, no presente da enunciação, suas próprias memórias.

Em “Teatro Sistina”, pode-se dizer que a presença da memória coletiva, principalmente no que diz respeito à terra dos familiares, está enraizada na construção estética. As conversas/lembranças com o pai, que são relatadas no capítulo, trazem à tona informações sobre o passado da família que permitem à narradora, através da aquisição das lembranças, tomar como sua aquela Somália ou aquela experiência vivenciada pelos pais quando ela ainda não era nascida, não era um componente do grupo. Sobre a influência dos seus familiares na construção de suas lembranças, a narradora explica:

talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que recordamos, do ponto de vista desse grupo<sup>20</sup>.

Por mais que ainda não existisse quando todos estavam juntos na Somália, apesar de não ter vivido a opressão do fascismo italiano em terras somalis ou não ter usufruído do conforto do passado, mesmo não estando “materialmente presente” nessa parte da história, ao evocar os acontecimentos que têm lugar importante na vida do seu grupo familiar, a narradora pode reclamar as memórias do grupo para sua individualidade, mesmo porque os acontecimentos influenciaram, sobremaneira, no seu destino. Como a narradora diz sobre Mogadíscio: “Eu não nasci naquelas ruas. Não cresci nelas. Não foi lá que me deram meu primeiro beijo [...] Mesmo assim, sentia que aquelas ruas eram minhas”<sup>21</sup>.

Em “Estela de Axum” continua em evidência a história política da Somália através da história do avô (Omar Scego) e do tio (Osman Scego) paternos da narradora. Desse tio e desse avô que não conheceu pessoalmente, tem como principal recordação uma fotografia que os pais guardaram e as histórias que os outros lhe contaram a respeito deles. Sobre o avô, um homem “quase branco”, de porte nobre que emanava poder, a narradora diz que sempre ouviu

---

20 HALWBACHS, Maurice. *A memória coletiva*, 2006, p. 41.

21 SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*, 2018, p. 31.



mil anedotas, mas sabe também que ele serviu como intérprete dos italianos, tendo convivido e trabalhado com Rodolfo Graziani, militar conhecido por seus métodos cruéis em guerras.

Se as memórias do pai permitem que a narradora se conecte com determinada dimensão da história da Somália, o envolvimento com o avô como colaborador de fascistas, força uma problematização desse passado: “Então o meu avô era fascista? Ou melhor, conivente com o fascismo? Era culpado pelos crimes que traduzia? São perguntas que me fiz muitíssimas vezes”<sup>22</sup>.

Os questionamentos acabam evidenciando que mesmo recordações sobre uma pessoa, sobre um acontecimento do passado são passíveis de atualizações. Como afirma Nora, “a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções”<sup>23</sup>.

Para processar a relação do avô com o regime fascista, novamente a narradora recorre à vivência de outras pessoas, nesse caso, do próprio pai: “Quando meu pai fala do pai dele, percebe-se uma grande admiração. ‘Era como uma ponte suspensa entre dois mundos’, dizia sempre”<sup>24</sup>. Mas além do que ouve, tira suas próprias conclusões: “Uma coisa é certa: o vovô entendera que traduzir era a chave para conseguir sobreviver naquele país subjugado. Certamente entendia os brancos e os negros melhor do que outra pessoa. Não era fácil equilibrar entre exploradores e explorados”<sup>25</sup>.

A narradora admite que a carreira política do avô é difícil de entender ainda mais porque, mesmo tendo trabalhado para os italianos, Omar Scego se envolveu no processo de independência da Somália, tornando-se um homem influente no período democrático. Atuou em diversos setores para garantir a soberania da Somália e, segundo relata, “induziu os filhos à luta contra aquele colonialismo que ele tinha sido forçado a servir”<sup>26</sup>.

Osman Scego é também um fruto desse incentivo, o tio seguiu a carreira política e se tornou uma ameaça a quem tinha outros planos para a Somália. Segundo a narradora: “Tio Osman era um modernizador e, havia gente que não gostava daquilo. Para alguns, não era conveniente que ele fosse assim. Era um chato, uma pessoa que amava o povo, uma pessoa democrática demais”<sup>27</sup>. O destino fatal de Osman Scego foi parte importante para o destino da narradora e da sua família na Itália.

---

22 Ibidem, p. 81.

23 NORA, Pierre. “Entre história e memória: a problemática dos lugares”. *Revista Projeto História*, 1993, p. 9.

24 SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*, 2018, p. 82.

25 Ibidem, p. 81-82.

26 Ibidem, p. 84.

27 Ibidem, p. 88.

Sou o quê? Quem sou? Sou negra e italiana. Sou também somali e negra. Então sou afro-italiana? Ítalo-africana? Segunda geração? Geração incerta? [...] Sou encruzilhada, eu acho. Uma ponte, uma equilibrista, alguém que está sempre no limiar e nunca está. No fim, sou somente a minha história. Sou eu e os meus pés<sup>28</sup>.

Segundo Stuart Hall, é preciso pensar a identidade não com um conceito essencialista, mas sim como estratégico e posicional. Para o intelectual jamaicano, trata-se de afirmar uma concepção de identidade que não esteja restrita a uma ideia de núcleo estável, idêntico a si mesmo ao longo da vida, mas sim em constante processo transformação e que, nesse debate, é preciso considerar a influência de outros sujeitos na condição de pertencimento<sup>29</sup>.

Ao se reportar ao espaço que abriga o monumento Estrela de Axum, a narradora diz: “hoje nesse lugar não há nada. Há o nada [...] todas as vezes que passo lá penso que esse lugar merece ser preenchido de sentidos”<sup>30</sup>. Ao fazer a ligação entre o Estela de Axum e a ausência do tio e do avô, a narradora preenche de sentido não só o lugar do monumento, mas também o lugar do tio e do avô, cujas vidas e mortes estão emaranhadas na vida dela. Assim, são as lembranças, articuladas pela reflexão, que permitem compreendê-los por meio da presença/ausência: “eu, que sempre senti-os vivos, a meu lado. Porque de fato, estavam vivos. Uma pessoa está viva todas as vezes que alguém se lembra dela”<sup>31</sup>.

Portanto, ao trazer o relato memorialístico sobre pessoas que não chegou a conhecer, mas que influenciaram, decisivamente, o destino de sua família e o seu, a narradora ressignifica o passado para que as pessoas possam, de certa forma, nela permanecerem. As reflexões preenchem de sentido o lugar de ausência e, assim, o tio e o avô sendo lembrados podem escapar do esquecimento, sendo esse uma das coisas que a narradora teme:

Mas os caminhos precisam de um nome e de uma história. Todas as vezes que passo pela *Piazza di Porta Capena*, tenho medo do esquecimento. Naquela praça havia uma estela, agora não há nada. Seria bonito que um dia houvesse um monumento para as vítimas do colonialismo italiano. Algo que nos recorde que as histórias da África Oriental e da Itália se entrelaçaram<sup>32</sup>.

As lembranças ressignificadas na obra ajudam a narradora a reconstruir a história do país e da família, cujos espaços remetem a um lar, uma casa. O envolvimento com a história de

---

28 SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*, 2018, p. 29.

29 HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?”, 2014, p. 109

30 SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*, 2018, p. 89.

31 Ibidem, p. 89.

32 Ibidem, p. 90.

familiares e o modo como ela relaciona a memória com lugares importantes para sua história em Roma ajuda a estabelecer um diálogo constante com a história de outro país, a Somália que também contribui para a consolidação da sua própria história.

### Considerações finais

Contar a própria história, a história dos seus, faz parte de um processo de reafirmação de si próprio. Nesse percurso, a literatura e a escrita memorialística merecem lugar de destaque.

Ao narrar suas histórias, a protagonista ressignifica lembranças dos seus familiares e forja uma maneira de compreender a si mesma. Esse investimento também é uma forma de transformar as memórias do grupo em memória individual. Mesmo que muitos membros da família não estivessem fisicamente presentes em sua vida, as pessoas que a influenciaram permanecem nela, fazem parte da sua história. Se há um lugar que o romance de Igiaba se fortalece é no território do relacionamento com a mãe.

Ao se tornar uma escritora, uma contadora e escutadora de história, Igiaba Scego homenageia aquela que contava “fábulas que, principalmente quando torcidas jorravam sangue”, não é por acaso que uma das metáforas que usa para descrever a mãe é de “um livro aberto”. Nessa metáfora (inconsciente ou não) existe uma ironia: a mãe não lê outros livros inteiramente, como lê o Alcorão, e a narradora confessa ainda que “dentro meus leitores, falta minha mãe”<sup>33</sup>.

O poder de contar histórias (e ter acesso a elas também) é enaltecido ao longo do romance como uma característica do povo somali: “afinal de contas, se vocês se aproximarem de uma somali ou de um somali, é isso que vão receber: histórias. Histórias para o dia e histórias para a noite. Para a vigília, para o sono... para os sonhos”<sup>34</sup>. Contar histórias também é uma estratégia de enfrentar o deslocamento. Para dizer e afirmar quem é, Igiaba Scego aprendeu a contar histórias, o que confirma o que é dito no início: “No fim, sou somente a minha história. Sou eu e meus pés. Sim, os meus pés”<sup>35</sup>.

Com o poder da escrita, a obra *Minha casa é onde estou* traz para primeiro plano a memória de pessoas de um país subjugado e hoje arrasado por uma guerra. Além disso, ao assumir a narrativa em primeira pessoa, afirmando os dilemas pelos quais sua família passou e investindo em uma construção estética que amplia os sentidos, pensamentos, a narradora afirma que o seu texto contribui para superar “a infame tradição do silêncio”.

---

33 Ibidem, p. 68.

34 Ibidem, p. 56.

35 Ibidem, p. 29.

## Referências

- ALMEIDA, Márcia. “A escritura como espaço de resistência e poder: Autoras com origens em ex-colônias italianas na África”. *Anais do XI Seminário Internacional Fazendo gênero: 13th Women’s Worlds*. Org. Jair Zandoná, Ana Maria Veiga e Cláudia Niching. Florianópolis: UFSC, 2018. Disponível em: <[www.desfazendoogenero.ufsc.br](http://www.desfazendoogenero.ufsc.br)>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- ALMEIDA, Márcia. “Igiaba Scego: escritora africana/italiana pós-colonial”. *Anais do VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Org. André Tessaro Pelinser [et al.]. – Caxias do Sul: Educs, 2016. Disponível em: <[www.ucs.br](http://www.ucs.br)>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (orgs). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 15. ed., 2014.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Livi Sovik; Trad. de Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALWBACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LEJEUNE, Phellipe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- NORA, Pierre. “Entre história e memória: a problemática dos lugares”. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, 1993. p. 7-28. Disponível em: <[www.revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101](http://www.revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101)>. Acesso em: 14 dez. 2018.
- SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*. Trad. Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018.
- SCEGO, Igiaba. *Caminhando contra o vento*. Trad. Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós/Buzz Editora, 2018b.

Submissão: 23/03/2020

Aceite: 10/07/2020

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2018n26p125>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.*